

Reafirmando que é importante estudar o papel da universidade no processo social de sua época menciona o autor o número de pobres e de ricos que frequentavam as universidades, chamando a atenção de que mesmo os mestres não passavam de operários intelectuais. Mas não deixava de existir o fechamento social das universidades com a exclusão dos pobres, embora essa exclusão não fosse completa.

Concluindo, não deixando de chamar a atenção sobre os problemas pendentes, o autor refere-se à passagem de aproximadamente três séculos com conclusões frequentemente provisórias.

O relacionamento da universidade com o conjunto da sociedade quanto à organização deverá ser estudado, procurando saber o papel desempenhado pelas universidades e os universitários nas sociedades medievais. A “política universitária” não sendo claramente definida, o uso que da universidade faziam os diferentes poderes e grupos, seria esclarecedor. A composição social e geográfica não bastava, necessitando de informações suplementares. O “trabalho intelectual” seria, apesar de incompleto, o grande projeto da universidade medieval. A sequência linear (aparecimento, apogeu, declínio) não parece oportuna para explicar a universidade medieval, pois as universidades do fim da Idade Média não devem ser vistas como réplicas decadentes das de grande época, sendo mais justo falar-se de novas funções do que de declínio, nos séculos XIV e XV.

CLÉA GOLDMAN.

\* \*  
\*

WATT (W. Montgomery). — *Historia de la España islámica*, trad. José Elizalde, Madrid, Ed. Alianza, (c. 1970), 211 p., in 8º (18 x 11), 2 mapas.

O historiador britânico Montgomery Watt é um especialista em questões islâmicas, com várias obras publicadas sobre o tema, tais como, *Islam and the integration of society* (1961), *Islamic philosophy and theology* (1926) e *Muslim intellectual* (1963) entre outras.

O título original da presente obra é *A history of islamic Spain*, sendo editada pela primeira vez em 1965. De início convem frisar que contou com a colaboração do Dr. Pierre Cachia para o desenvolvimento das partes referentes à história literária. Aliás, tal colaboração está registrada logo na página de rosto, e é um lembrete bastante pertinente, pois, o pequeno volume de Watt é, sobretudo, um livro de história cultural, sendo a literatura manifestação assaz significativa da cultura de Al-Andalus (Espanha muçulmana). Entretanto, o autor não omite, embora o faça suscintamente, acontecimentos políticos, com o propósito de dar uma dimensão espaço-temporal ao texto.

O livro de Watt é breve, mas bastante completo na abordagem cultural. Na introdução, o autor expõe toda a problemática, que gira em torno de três enfoques principais: a Espanha islâmica considerada em si mesma; a Espanha islâmica considerada como uma parte do mundo islâmico; a Espanha islâmica em contacto com seus vizinhos europeus. Depois de dez capítulos trabalhados diacronicamente, surge o 11º e último, dividido em três itens, cada qual retomando os problemas apresentados na parte introdutória, e onde o autor sintetiza as respostas já esmiuçadas no decorrer do texto, mas deixando várias questões em aberto para futuros trabalhos.

Como já foi insinuado logo acima, os capítulos da *Historia de la España islâmica* perpassam diante do leitor em ordem cronológica, principiando com a expansão muçumana que, conforme palavras do autor,

“No fue en ningún momento un fenómeno puramente religioso, sino también, al menos en parte, un instrumento político” (p. 12).

Solução vislumbrada por Maomé para resolver problemas inerentes ao nomadismo das tribos árabes. E assim nós temos, subsequentemente, uma rápida descrição do avanço do Islã pelo Norte da África e da ocupação da Península Ibérica, em parte facilitada pelas dissensões existentes na dinastia visigótica.

Continuando, Watt nos dá a organização administrativa, social e política da Província de Al-Andalus, nos moldes daquilo que os árabes já haviam feito em outras regiões, mas salientando que, na Península Ibérica, dado seu afastamento do Califado de Damasco e o forte entrosamento entre ocupantes e ocupados, forjou-se uma sociedade particularíssima, muito menos islâmica que árabe. Verdadeiramente, o autor só começa a expor cultura de modo mais sistemático quando se refere à instalação do Emirado e do Califado de Córdoba, depois de explicar-nos seu embasamento sócio-político-econômico. É notável, e isso por todo o volume, a sucessão de nomes de autores e títulos de obras, muitas delas com ligeiros comentários, dos mais variados assuntos: religião, leis, ciência, literatura, filosofia, história, etc. Vale por uma lista completíssima de tudo que se escreveu em língua árabe na Península.

O autor dá prosseguimento ao seu trabalho, abordando o enfraquecimento do poderio omíada e o conseqüente fortalecimento de “mordomos de palácio”, destacando-se entre estes últimos o célebre Al-Mansur (978-1002), o qual pretendeu introduzir uma dinastia de administradores, os “Amiridas”, paralela à dos califas. Não o conseguindo, só fez aumentar ainda mais a confusão política, que terminou por desencadear um processo de descentralização, com a conseqüente implantação do que chamamos “reinos de taifas”: pequenos principados e reinos independentes politicamente do califa de Córdoba. Depois de expor-nos as possíveis causas desse processo, passa a analisar a constituição desses pequenos Estados — duraram aproximadamente cem anos — ao mesmo tempo afirmando que, para Al-Andalus é o princípio do fim do período arabizan-

te, para dar lugar à predominância propriamente islâmica, junto com uma pequena expansão: característica dos períodos “Almorávida” (c. 1120-1145) e “Almohada” (1171-1223) de fundamentos bérberes, mais ortodoxos. Após eles, ocorre o recrudescimento da Reconquista cristã, finalmente confinado o Estado islâmico no Sudeste espanhol com o pequeno reino de Granada no segundo quartel do século XIII.

O capítulo seguinte, o 9º, é deveras interessante. Trata exclusivamente da cultura nesse período de conturbada política. Seu título é bastante sugestivo: “El auge cultural en el período de decadencia política”. De acordo com as afirmações de Watt, nunca Al-Andalus foi mais pródigo em manifestações literárias, artísticas e científicas. E explica: os chefes dos pequenos Estados adotaram uma atitude de mecenas, atraindo para suas cortes, não só cultos muçulmanos, como também judeus e cristãos. Com espírito emulativo, cada qual tudo fazia para suplantar seus vizinhos. Assim nós tivemos um período esplendoroso, de grande riqueza cultural, e que muito influenciou no desenvolvimento da Europa Ocidental cristã.

No capítulo dez, o autor trata do fim da Espanha islâmica: fim de sua existência política em 1492 e da situação dos muçulmanos sob domínio cristão. Este último item nos surpreende ao inteiro — mo-nos que, grande número de mouros — era como nessa altura eram chamados — continuaram vivendo na Península sob a imposição de um batismo forçado, que teria quarenta anos para ser totalmente cumprida. Esta lei foi renovada algumas vezes, em vista do elemento mudejárabe jamais deixar de sentir-se islâmico, conservando ocultamente suas crenças. Os últimos recalitrantes foram expulsos no primeiro quartel do século XVII! Como fecho deste capítulo, o autor apresenta uma síntese da literatura do período granadino, definindo-o como mero epílogo de grandezas passadas, salvaguardando porém, a arte, que, segundo ele, conservou sua pureza até o século XV, exemplificada com o magnífico palácio mourisco do Alhambra.

Do derradeiro capítulo já tivemos ocasião de falar no início desta resenha. O volume termina com bibliografia (comentada) e notas, as quais são um complemento bibliográfico, pois, novos autores e títulos aparecem.

Em suma, o livro de Montgomery Watt é de leitura agradável e fácil, alcançando plenamente seus objetivos. Mais, proporciona ao leitor uma boa compreensão da cultura desenvolvida em Al-Andalus, povoando a imaginação do mesmo com inúmeras indagações. Fato sem dúvida animador, já que, delas partindo, novos trabalhos poderão surgir para melhor elucidação de tão interessante assunto.

SARA OZORES VALLEJO.

\* \* \*